

## **A ética do cuidado entre gerações nos círculos de mulheres: aproximações empíricas em salvador e região metropolitana<sup>1</sup>**

<sup>1</sup>“Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.”

Thainá Soares Ribeiro, UFBA/BA

Palavras-chave: Círculos de mulheres; Ética do cuidado; Gerações.

### **Introdução**

Neste texto, apresento as aproximações ao campo da minha pesquisa de Doutorado sobre Círculos de Mulheres, associando as práticas que participei e observei com as formulações de Carol Gilligan (1982) sobre a ética do cuidado, sobretudo entre gerações de mulheres que fazem parte dos Círculos. Esses Círculos são difíceis de ser definidos, devido ao seu possível enquadramento em diversos movimentos como nova era, ecofeminismo e espiritualidades femininas. Mas, ainda que sem uma definição estanque, podem ser compreendidos como grupos organizados por mulheres e para mulheres, na grande maioria cisgênero, que se encontram em espaços não-institucionais. Os Círculos de Mulheres são herdeiros dos movimentos de contracultura nos Estados Unidos, nos anos 1960; das ações de mulheres envolvidas com o movimento hippie, com a segunda onda do movimento feminista; das tradições religiosas de povos ameríndios (mais fortemente latino-americanos); e das influências das religiões orientais. Eles buscam novas relações de cuidado, com o corpo, com a natureza e com o sagrado. Neste trabalho, trago algumas reflexões sobre as minhas percepções iniciais no campo – num Círculo na cidade de Salvador e outro na região metropolitana, localizado numa comunidade. A partir de um “estar-no-mundo” (INGOLD, 2015), o processo de vir a ser pesquisadora passa por minha trajetória de vida, apesar de não frequentar Círculos de Mulheres por muito tempo – há aproximadamente 5 anos, estou lidando com uma experiência próxima. O universo empírico foi delimitado a partir de conexões de amizades que fui estabelecendo com as interlocutoras, que me apresentaram os Círculos.

Na contramão das perspectivas dominantes, Carol Gilligan (1982), no livro *In a Different Voice: Psychological Theory and Women's Development*, fala da ética do

cuidado a partir das experiências das mulheres. A autora denomina a “voz diferente”, apontando para um modo diverso de organizar a vida, baseado na experiência da conexão com as outras, em que a prioridade são as práticas de cuidado como fundamento para tomada de decisões.

A ideia do que é “ser mulher” e as relações geracionais são centrais nos Círculos, as participantes reivindicam um cuidado com a saúde sexual a partir da perspectiva das mulheres, ou seja, uma busca por autonomia em relação ao conhecimento do próprio corpo, mas a diversidade de concepções sobre o corpo pode não estar ancorada na normatividade do corpo biológico, como algumas percepções do campo me indicaram, a ideia de útero aparece não apenas como órgão biológico, mas como um espaço de energia feminina que existe no corpo de todos os seres, inclusive nos homens.

Os agenciamentos do cuidado passam pelas relações geracionais nas experiências de campo. No entanto, a questão não é naturalizar o cuidado as normas de gênero, como foi estruturado pela divisão social do trabalho (ver HIRATA, 1997; 2002; 2005; 2009; HIRATA; KERGOAT, 2007; KERGOAT, 2009), mas ampliar as relações de cuidado em todas as direções. As socializações que produzem as práticas de cuidado são reconhecidas e valorizadas como uma ação que deve ser compartilhada em comunidade, diferente da marginalização, sustentada pela dupla ou tripla jornada das mulheres no sistema dominante. Na intersecção com a categoria geração, constrói-se socialmente uma relação de cuidado e respeito com as mulheres velhas dos Círculos, devido os marcadores da experiência social. A ancestralidade como uma geração inscrita em uma estrutura de relações, exige que se preste atenção nas práticas das que vieram antes, para que posteriormente possam ser reproduzidas como um cuidado que deve ser perpetuado. Para pensar as relações geracionais, mobilizo as contribuições de Motta (2010), ampliando o sentido multifacetado que a autora já menciona, para pensar geração como um aspecto que transcende a vida humana. Dessa forma, os agenciamentos do cuidado, constituem-se como uma ética que compreende a importância das gerações que vieram antes como fundamento para sustentar a vida.

### **Confluências históricas que produziram os Círculos de Mulheres**

Mais importante que definir os Círculos de Mulheres, é compreender as causas e condições que possibilitaram sua emergência. Diante de um movimento tão diverso, que ganha forma a partir de uma bricolagem de religiosidades, saberes e experiências, encontrar denominadores comuns só é possível a partir de uma perspectiva histórica.

Além disso, o processo de definição, na perspectiva científica, é sempre resultado de relações de poder, como bem aponta Asad (2010), ao se debruçar no processo político que resultou na definição da categoria religião.

Pensando nas condições históricas que possibilitaram a emergência dos Círculos, é importante lembrar que encontros produzem mundos. Os encontros de diversos movimentos resultaram no que se convencionou chamar contracultura, em que a unidade desse fenômeno histórico foi a contestação do modo de vida hegemônico. Nos Estados Unidos, os militantes norte-americanos questionavam o *american way of life* e a guerra do Vietnã. As manifestações no Brasil foram pautadas em reação a ordem vigente, “em que o binômio Estado-indústria quis determinar como mais adequado. A inspiração contracultural pode ser ilustrada através do caso dos Novos Baianos” (TAVARES et al. 2010, p. 177). Além de práticas políticas, as diversas práticas místico-esotéricas, resultado do encontro do oriente com o ocidente, fizeram parte do contexto dos anos 1960/1970. Foi um movimento de efervescência de modos alternativos de experimentar a vida, uma juventude inspirada em vivenciar novos comportamentos, diferente do cristianismo dogmático, bem como do individualismo utilitário (TAVARES et al., 2010). Segundo Bellah (1986), uma “nova consciência religiosa” emerge no Ocidente dos anos 1960. Essa nova consciência religiosa resultou no que mais adiante foi definido como nova era. “Práticas e experiências ligadas a esse universo surgiram na esteira da efervescência política e cultural dos anos 1960 e se difundiram a partir da década de 1970” (TAVARES et al., 2010).

Diversos movimentos se encontraram nesse cenário de efervescência de novos comportamentos. O movimento feminista fez parte desse frenesi de ideias e práticas que constituíram a contracultura. Os cruzamentos das espiritualidades alternativas, saberes subalternizados, contra-hegemônicos e movimento feminista proporcionaram as causas e condições para a emergência dos Círculos de Mulheres. A perspectiva do movimento feminista foi fundamental para o radicalismo dos anos 1970 (STEPHENS, 1998). Segundo Stephens (1998), esse movimento foi fundamental para compreender a importância desse momento histórico, tendo em vista suas diversas conquistas, sobretudo no que diz respeito a libertação das mulheres, já que o sucesso político do movimento feminista, em relação a conquista de Direitos, fez cair por terra a versão convencional sobre o fracasso do radicalismo dos anos sessenta como um movimento despolitizado.

Segundo Adelman (2001), existe uma acusação de determinadas narrativas sobre esse momento histórico, enxergando o movimento de contracultura como uma

reapropriação da cultura dos outros para finalidades próprias, exemplo disso é a ideia da invenção do oriente pelo ocidente. No entanto, sem perder de vista o processo de apropriação, é necessário compreender que, ao mesmo tempo, existe uma relação de troca, como bem apontam Featherstone (1995) e Appaduaral (1996):

[...] há outras formas mais complexas de entender as relações entre culturas locais e culturas globais: para além da tese da “apropriação” ou cooptação consumista do “exótico” – que na verdade incorpora a tese da hegemonia absoluta das culturas imperialistas – podemos pensar também em relações de troca (desigual), resignificação e resistência. Quer dizer, podemos reconhecer as influências profundas de outras culturas não-ocidentais. (ADELMAN, 2001, p. 144).

Dessa forma, o discurso da contracultura com todos os seus paradoxos, foi fundamental para coexistência de outras formas de pensar e viver, um elemento importante dentro do período dos anos sessenta, onde o sentimento anti-imperialista que apoiou as revoluções anticolonialistas – ao povo vietnamita e a Cuba – integrou as narrativas dos “outros” como um objetivo para uma vida diferente.

Fruto das causas e condições que movimentaram o período da contracultura, os Círculos de Mulheres possuem características semelhantes a diversos movimentos que fogem das conceituações clássicas sobre religião, como o movimento nova era, ecofeminismo e espiritualidades femininas. Sendo assim, se auto-organizam como um movimento para mulheres, na grande maioria cisgênero, mas aberto para mulheres trans, que se encontram em espaços não-institucionais, articulando-se a partir de referências que emergiram na contracultura, bem como as que coemergem vinculadas a região do encontro, com bricolagem de religiosidade e saberes sobre o corpo.

No Brasil contemporâneo e em outras cidades no mundo, os Círculos de Mulheres (doravante também designados por “Círculos”), como têm sido denominados por Faur (2011) e Bollen (2003) – interlocutoras teóricas, articulam-se às múltiplas terapias, promovendo uma espécie de confluência de conhecimentos sobre agenciamentos do cuidado com o corpo, com o feminino e com o sagrado (PADILLA, 2017; MORALES, 2018; MACHADO, 2017).

A partir da literatura de interlocutoras sobre os Círculos (ver FAUR, 2011; BOLLEN, 2003) é possível afirmar que os modos de cuidado expressam fortemente os referentes das espiritualidades da nova era. Segundo Toniol (2016, p. 32), “além de uma vinculação histórica, haveria uma compatibilidade ontológica entre os princípios da nova

era e o modo de entendimento da relação saúde-doença que fundamenta as terapias alternativas”. Aliada a essa associação, temos as questões de gênero na forma das “espiritualidades femininas”, que nascem no contexto das décadas de 80 e 90 do século passado. Segundo Faur (2011), a espiritualidade feminina herdou diferentes características dos movimentos feministas dos anos 60 e 70. Mas, enquanto os primeiros movimentos tinham objetivos mais políticos e sociais, os segundos “expandiam seus interesses para criar grupos de cura e reabilitação” (FAUR, 2011, p. 59).

Os Círculos de Mulheres abordam interesses temáticos e atividades diversas de expressão e reflexão como os processos terapêuticos fundamentados em uma ginecologia “autônoma” e “natural”. Segundo o “Manual de Ginecologia Natural e Autônoma” (SOUZA et al., 2018), essa ginecologia se baseia em uma compilação de saberes sobre o corpo feminino a partir da perspectiva das mulheres – conhecimentos os quais foram, majoritariamente, passados por tradições orais e que essas mulheres copilaram e escreveram. As participantes dos Círculos de Mulheres apropriam-se de vários “conhecimentos tradicionais”<sup>1</sup> (em tópicos como o uso de ervas para a saúde das mulheres, ciclo menstrual, menopausa etc.) e munem-se da experiência de compartilhar “corpos semelhantes”, ou seja, de viver empiricamente processos parecidos.

A partir de uma pesquisa exploratória em alguns Círculos de Mulheres em Salvador, na região metropolitana, é possível perceber suas afinidades com a literatura sobre nova era: uma diversidade de modos de articulação, bricolagem de contribuições, uma “espiritualidade sem lar” (AMARAL, 2000), mas também suas diferenças, apesar de alguns Círculos acontecerem em diversos locais, de forma autônoma e descentralizada, outros se organizam em comunidades, mantendo uma relação de territorialidade<sup>2</sup> com o espaço. Os encontros em formato de círculo são baseados numa horizontalidade entre as participantes. De acordo com Faur (2011, p. 809), “a reunião em círculo de pessoas que

---

<sup>1</sup> Não há definições universais para o termo, existindo uma literatura vasta discutindo o conceito. Como a pesquisa está em estágio inicial, por enquanto utilizo a definição presente no art. 7º, II, da MP 2186-16/2001: “conhecimento tradicional consiste na informação ou prática individual ou coletiva de comunidade indígena ou de comunidade local, com valor real ou potencial, associada ao patrimônio genético”.

<sup>2</sup> “Designa a qualidade que o território ganha de acordo com sua utilização ou apreensão pelo ser humano” (SPOSITO, 2009, p. 11). O Ato de “territorializar” o espaço (RAFFESTIN, 1993, p. 143), refere-se pelas relações que se estabelece com a terra, exercido por pessoas ou grupos, produto de ações históricas, concretizadas em momentos distintos, que geram diferentes paisagens, resultado de dinâmicas socioespaciais [...] “a terra é tomada território quando há comunicação, quando é meio e objeto de trabalho, de produção, de trocas, de cooperação. O território é um produto socioespacial, de relações sociais que são econômicas, políticas e culturais e de ligações, de redes internas e externas que envolvem a natureza. Por esta via o espaço físico entra nas relações e nas estruturas sociais” (SAQUET, 2006, p. 76).

compartilham os mesmos objetivos e interesses é uma maneira ancestral e sagrada de provocar transformações pessoais e coletivas”. Ainda segundo a autora, os círculos são importantes para as mulheres, uma vez que esses encontros propiciam “um espaço seguro e protetor, que evoca as formas femininas – o ovo, o ventre grávido, o seio nutriz, o abraço carinhoso, o abrigo de uma gruta - símbolos perenes, sagrados e naturais” (FAUR, 2011, p. 921). Assim, o compartilhamento de saberes de forma circular é característica fundante desses círculos. Além dessa característica, os círculos têm em comum: a reverência a um princípio criador feminino; buscam valorizar o empoderamento das mulheres; respeitam e cuidam da terra como uma entidade; realizam rituais e cerimônias; e incentivam o estudo histórico e mitológico das sociedades matrilineares, além de práticas de autognose do corpo, com o objetivo de compreender profundamente os ciclos do corpo (FAUR, 2011).

### **Corpos semelhantes: agenciamentos do cuidado a partir do que é “ser mulher” nos Círculos de Mulheres**

A realidade é múltipla, logo a experiência dos corpos também. Para algumas teorias feministas contemporâneas, a indeterminação do conceito de gênero foi um problema, pois a instabilidade recaiu sobre os corpos – no sentido de não ter como definir de modo absoluto e generalizado as experiências dos corpos. O sistema epistemológico/ontológico hegemônico do que é “ser mulher” foi construído a partir de uma visão androcêntrica, e a principal luta dos feminismos é lutar para um “ser mulher” como um significante aberto.

Para essa empreitada feminista, é necessário trazer as diversas perspectivas sobre a categoria mulher. Segundo Annemarie Mol (1999), o perspectivismo contribuiu para derrubar uma verdade única. No entanto, não multiplicou a realidade, apenas o olhar do observador. Isso contribuiu para o pluralismo, “pois é disso que se trata: perspectivas que se excluem mutuamente, discretas, coexistindo lado a lado, num espaço transparente. E no centro, o objecto de muitos olhares e contemplações permanece singular, intangível, intocado” (MOL, 1999, p. 5.). Nesse ponto de vista, ontologias deve vir no plural, pois as realidades se tornaram múltiplas, localizadas historicamente. Para Mol (1999), essa forma de conceber – a partir de uma ontologia política – sofreu influências do perspectivismo e do construtivismo, mas não se originou dele diretamente, o termo de referência direta é performance.

A partir de uma realidade que é performada, manipulada por diferentes práticas, é possível compreender a experiência do que é “ser mulher” nos Círculos de Mulheres. Para Butler (2015), atos performativos são construções manufaturadas amparadas por signos corpóreos e outros meios. Dessa forma, eles produzem na superfície do corpo gestos, práticas, palavras e desejos. Tavares (2017) discorre sobre a relação entre corpo e conhecimento, rompendo com as concepções do que é natural e do que é feito. Segundo a autora, o corpo se constitui por diversas intervenções (física, mental e emocional), afetado por elementos que fornecem variadas conexões dos corpos com o mundo. Aponta ainda que diferente da concepção ocidental, as “experiências” não provocam apenas capacidade mental, mas implica em impactos nos corpos. “E o que pode ser compreendido por “conhecimento” é essa experiência radicada materialmente no corpo” (TAVARES, 2017, p. 223). Influenciada pelos trabalhos de Csordas, Alves e Rabelo e outros autores, Tavares (2017) traz três momentos importantes que colaboraram para a redefinição conceitual, quais sejam: a crítica ao conceito de representação, com enfoque maior ao conceito de prática social; as remarcações sobre as concepções de pessoa, corpo e experiência, partindo de uma abordagem não dualista; o destaque para o conceito de itinerário terapêutico, “a produção dos significados passa a ser investigada no âmbito mesmo do desenrolar da ação, tida como “criadora” e não apenas como “atualizadora” de sentido” (TAVARES, 2017, p. 210); e inspirada em Latour (2008), na crítica a concepção fenomenológica de experiência, em que os processos de significação são processados apenas nas relações face a face, a autora traz uma inovação que potencializa o conceito de experiência, situando-a no processo de composição das redes de mediações. Dessa forma, ampliando o campo de visão, tendo em vista a amplificação das redes que vão além do micro, deslocando os itinerários para agenciamentos. Por isso, o conceito deleuziano de agenciamento, é fundamental neste trabalho, tentando impedir os dualismos, a fim de perceber os movimentos de “territorialização (molares) e de desterritorialização (moleculares)” (TAVARES, 2017, p. 205), em que as tensões não são colocadas como um problema que desordena as ações, mas como perspectivas de desterritorialização dos agenciamentos estáveis, viabilizando novas conceituações e evidências do corpo, “fazendo com que este emergja na manipulação das práticas e não ao contrário, como um pressuposto disciplinar ou interdisciplinar” (TAVARES, 2007, p. 215).

Segundo Deleuze (2004, p. 84), agenciamento é “[...] uma multiplicidade que comporta muitos termos heterogêneos e que estabelece ligações, relações entre eles, por

meio das idades, sexos, reinos – de naturezas diferentes. Assim, a única unidade do agenciamento é o co-funcionamento: é a simbiose, uma ‘simpatia’”. Operacionalizando o conceito, busco mapear os mediadores (pessoas e a heterogeneidade de não humanos) que possibilitam a objetivação desses coletivos femininos, perseguindo as agências que confluem nas experiências dos Círculos de Mulheres. O agenciamento é “[...] noção mais ampla do que as de estrutura, sistema, forma, etc. um agenciamento comporta componentes heterogêneos, tanto de ordem biológica, social, maquínica, gnosiológica, imaginária” (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p. 317).

A partir de uma pesquisa exploratória em alguns Círculos de Mulheres em Salvador e na região metropolitana, observo que a ideia do que é “ser mulher” é uma questão central – as participantes reivindicam um cuidado com a saúde sexual a partir da perspectiva das mulheres, ou seja, uma busca por autonomia em relação produção do conhecimento sobre a experiência que tem sobre os corpos. Algumas autoras, como Castells (2001), tipificam o movimento como um feminismo essencialista, tendo em vista a marca na diferenciação biológica entre mulheres e homens, já que o útero é um órgão importante em várias práticas terapêuticas. No entanto, nos Círculos, apesar das mulheres lidarem com elementos que são colocados apenas como biológicos para a ciência hegemônica – o útero, menstruação, menopausa, etc. – para elas o modo de vida da energia feminina, que vai além das características biológicas, deveria ser referencial para a realização humana, tendo em vista ser um modelo baseado na irmandade, no cuidado com o corpo e com a terra, inclusive deveria ser incorporada nas atitudes dos homens. Um vértice ou “dobradiça” que articularia os diferentes feminismos – seja o feminismo da igualdade, da diferença etc. –, que busca a autodefinição do que é ser mulher a partir da experiência das mulheres, negando a identidade das mulheres como definidas pelos homens.

Além disso, a concepção de corpos semelhantes utilizada neste texto diz respeito as experiências compartilhadas por essas mulheres nos agenciamentos do cuidado sobre o corpo. A diversidade de concepções sobre o corpo pode não estar ancorada na normatividade do corpo biológico, como indica uma conversa com uma das facilitadoras de Círculos que acompanho em Salvador, numa entrevista para um artigo que produzi (RIBEIRO, 2020). Quando ela foi questionada se a ideia é pensar o corpo da mulher na perspectiva da sua experiência, explicou-me que quando falamos da experiência da mulher, toma-se muito a experiência da mulher cisgênero enquanto referência principal. Mas ela fala da importância de sair da essencialização do corpo biológico que a sociedade

ocidental nos coloca, engessando as experiências. Para isso, a facilitadora utiliza na vivência que realiza a ideia de útero não apenas como órgão biológico, mas como um espaço de energia que existe no corpo. Segundo ela, essa concepção é importante para incluir transexuais e toda a comunidade que se conecta com o feminino, principalmente para aquelas pessoas marginalizadas que por muito tempo não encontraram pertencimento nos lugares.

Os agenciamentos do cuidado nos Círculos de Mulheres são diversos, passando por práticas terapêuticas referenciadas numa ginecologia autônoma, bem como os cuidados com os quatro elementos da natureza (terra, água, fogo e ar), que vão agir em várias dimensões da vida. Na comunidade que realizo trabalho de campo na região metropolitana de Salvador, o Círculo que se organiza nessa comunidade trabalha essencialmente com o Xamanismo da Deusa Mãe<sup>3</sup>, como foi informado pelas interlocutoras, realizando todos os trabalhos de cuidado a partir dos elementos da natureza (uso de ervas, a alimentação com PANCS<sup>4</sup>, trabalhos com argila, plantas de poder<sup>5</sup>, banho de floresta e de rio, etc.). Nos cuidados com os corpos, as plantas agem, oferecendo suas qualidades para o corpo humano a partir de relações, procedimentos e nos cuidados devocionais.

Para melhor seguir os processos de agenciamento do cuidado nas práticas dessa comunidade, desmembrei em dimensões para explica-las didaticamente. No primeiro nível, coloquei a ação humana das mulheres, observando as mulheres que cuidam das ervas, produzem chás, florais e alimentos, bem como realizam procedimentos com argila, etc. Na segunda dimensão de cuidado, podemos pensar na ação do reino vegetal que oferece suas qualidades para o corpo humano. Numa das vivências que participei, chamada “Jornada Corpo Planta”, as facilitadoras falaram dos poderes que cada erva oferece quando encontram nosso corpo. Por exemplo, para elas, a aroeira (cabocla da mata), quando trabalhada no nosso corpo oferece a coragem. Na terceira dimensão do cuidado, identifiquei a ação dos quatro elementos (fogo, água, terra e ar). Segundo a

---

<sup>3</sup> Segundo as interlocutoras, o Xamanismo da Deusa Mãe, refere-se a um resgate da cultura espiritual milenar da América Nativa, especialmente no Peru, lugar onde a Xamã que fundou a comunidade foi iniciada.

<sup>4</sup> As PANCS são plantas alimentícias não convencionais. O termo PANC foi criado no Brasil pelo professor e biólogo Valdely Ferreira Kinnup. Disponível em: <<https://saberhortifrutí.com.br/pancs/>>.

<sup>5</sup> Um dos termos utilizados pelas interlocutoras para descrever as plantas enteógenas, que estabelecem comunicações com divindades. Disponível em: <<https://www.cienciapsicodelica.com.br/post/psicodelicos-alucinogenos-enteogenos>>.

Xamã<sup>6</sup> que fundou a comunidade, cada pessoa é composta pelos elementos da natureza, que se organizam de diversas formas em cada ser. Desse modo, os elementos quando trabalhados em preces, práticas e outras ações, agem em cada corpo regenerando, estabelecendo o equilíbrio e a saúde. Por fim, identifiquei a dimensão das(os) guias espirituais, que quando invocados nos trabalhos, agem auxiliando na vida de cada uma. Importante ressaltar o trabalho da Deusa Mãe, que é a principal referência dos cuidados nesse Círculo, todos os trabalhos são iniciados com uma oração a Deusa Mãe, manifestada pela Xamã que fundou a comunidade. Portanto, o cuidado é agenciado por diversas dimensões que agem concomitantemente, incluindo dimensões não humanas, procedimentos tanto técnicos como ritualísticos, bem como a concepção do feminino como fator primordial para iniciar os trabalhos.

Os cuidados são entrelaçados por ontologias diversas (ervas, humanos, guias espirituais, elementos da natureza - fogo, terra, água e ar). Os agenciamentos do cuidado a partir do que é “ser mulher” nos Círculos de Mulheres parecem não estar assentados num fato natural, mas numa possibilidade de performance que produz corpos referenciados em arquétipos femininos. Segundo Butler (2015), o feminino não é um termo estável, sendo seu significado tão problemático e aberto como o significado de “ser mulher”, ganhando força nas ontologias localizadas como termos relacionais. Nos Círculos que acompanho, as relações parecem produzir corpos semelhantes a partir de experiências compartilhadas com o intuito de sustentar agenciamentos de cuidado. “Ser Mulher” não é algo presumido, mas possibilidades abertas compartilhadas em relações, o corpo não é algo pronto, ele é feito a partir das diversas relações, dialogando com a teoria (eco)sistêmica de Ingold (2013), em que o autor defende a porosidade entre humano e não humano, organismo e ambiente, ser vivo e artefato. O estar vivo e aberto ao mundo produz semelhanças localizadas por ambientes compartilhados.

As performances religiosas mobilizadas por uma concepção de feminino são entrelaçadas pelo engajamento com a terra, os agenciamentos do cuidado a partir do que é “ser mulher” são feitos a partir de uma relação de intimidade com as ervas, os elementos e as guias espirituais, articulando em ações diversas entre humanas e não-humanas, produzindo remédios, posturas, ações devocionais etc. A agência dos elementos da

---

<sup>6</sup> Forma como ela é chamada pelos integrantes da comunidade por ter passado por diversos processos iniciáticos com a finalidade de expandir a sabedoria, resgatando a cura para aquelas(es) que buscam. Segundo Alba Maria (2006, p. 7), Xamã é uma palavra que, para os povos Tungus da Sibéria, significa “aquele que sabe”.

natureza define um mundo em devir, que produz uma compreensão alternativa dos corpos, a ciclicidade da natureza atravessa os corpos, revelando corpos cíclicos e semelhantes pela conexão com o ambiente.

### **A ética do cuidado entre gerações nos Círculos de Mulheres na região metropolitana de Salvador**

Problematizando a teoria de Kohlberg, Carol Gilligan (1982), filósofa estadunidense, concluiu, a partir de seu estudo com determinadas mulheres, que elas se desenvolvem moralmente diferentes dos homens, seja por uma questão de socialização ou não. A partir de uma história localizada, a autora percebeu que as mulheres se orientam pelo que chamou de Ética do Cuidado, já os homens se orientariam pela Ética da Justiça. Apesar de todas as críticas que recebeu posteriormente ao seu trabalho – na época e até hoje – seus estudos constituem uma importante referência para os estudos feministas, uma vez que a perspectiva da experiência das mulheres passa a ser incluída no campo da Psicologia do Desenvolvimento Moral, além da própria Psicologia e da Ciência em geral.

Assim, como Gilligan (1982) deixa evidente, a orientação moral ao cuidado se encontra identificada não por gênero, mas a partir de constatação empírica em que se escutou as vozes não ouvidas. A intenção de comparar a prática das mulheres do Círculo às formulações dessa autora foi demonstrar que existe uma diferença de perspectiva que pode contribuir para outros modos de viver. Isso não significa que essas características sejam associadas a questões biológicas, mas que essas diferenças precisam ser visibilizadas a partir da narrativa das mulheres.

Para a filósofa, de modo geral, as teorias se desenvolveram com um viés masculinizante, o cuidado sempre foi algo colocado em segundo plano, assim como a experiência das mulheres. De acordo com a autora, a teoria de Kohlberg sobre o desenvolvimento moral tem dois aspectos problemáticos: primeiro, a amostra original de sua tese foi composta totalmente pelo público masculino (84 meninos brancos de classe média) (KOHLBERG, 1958); segundo, a teoria de Kohlberg assumiu a experiência masculina como regra, elaborando um modelo de desenvolvimento que se pretende universal. Por conta da régua que mede o mundo ser masculina, tudo que foi associado as mulheres, as diferenças entre as mulheres e os homens em relação ao desenvolvimento foi “em geral considerada como significando um problema no desenvolvimento das mulheres” (GILLIGAN, 1982, p. 11).

No Círculo que estou acompanhando, localizado na região metropolitana de Salvador, observei um cuidado agenciado a partir de gerações. A comunidade foi fundada essencialmente por mulheres, há aproximadamente 30 anos, isso fundamentou as dinâmicas de cuidado a partir da experiência das mulheres. As(os) moradoras(os) da comunidade se dividem em quatro gerações. A primeira geração, hoje formada por mulheres consideradas anciãs, constitui uma referência para as moradoras e moradores, ficou evidente que o cuidado entre gerações é a base para a vida comunitária. Numa vivência que aconteceu denominada “Anciã das Estrelas: mulher lua minguante”, num dos espaços do evento, houve uma partilha com as mulheres mais velhas da comunidade, que tem em média de 60 a 70 anos. Nessa partilha, as mulheres que estavam participando da jornada, escutaram com atenção como as mulheres mais velhas lidavam e lidam com suas experiências de cuidado. Foi relatado uma ética relacionada ao cuidado que condiz com as formulações de Carol Gilligan (1982), uma vez que as mulheres priorizam o cuidado e bem-estar comunitário, de forma semelhante ao que ela define como Ética do Cuidado. Ao invés de uma perspectiva individualista, o cuidado coletivo é prioritário, a partir desse campo seguro é possível cultivar um cuidado individual.

Para Motta (2010), existe uma dificuldade de perceber a questão geracional nos estudos, sua indispensabilidade analítica pode ser compreendida por parecer demasiado fluída ou mutável para as certezas das ciências objetivas. Os estudos feministas vêm se concentrando na interseccionalidade entre gênero, raça e classe como critérios fundamentais de organização, principalmente de participação na divisão do trabalho. O critério etário, geralmente deixado de lado, precisa fazer parte das análises sobre as relações sociais. As violências sofridas pelas pessoas por conta das diferenças de idades são menos perceptíveis, talvez mais sutis que o machismo e racismo, devido a naturalização da evidência da passagem do tempo nos corpos, a impermanência por não ser contemplada ou discutida - como a morte, passa a ser um tema que gera poucas formulações teóricas. Na experiência da vida conceituada por análises de identificação, as definições parecem ser mais determinadas por sexo, gênero, raça, etnia e classe social, mesmo compreendendo que essas definições também não são fechadas. A partir das experiências do campo, percebi a necessidade de olhar para as questões geracionais, observando as diferenças das dinâmicas entre a modo hegemônico – de lidar com a velhice e a infância – do modo praticado pelos Círculos de Mulheres. Para Motta (2010),

[...] o sentido mais plenamente sociológico, ou macrosociológico – geração, propriamente dita – designa um coletivo de indivíduos que vivem em determinada época ou tempo social, têm aproximadamente a mesma idade e compartilham alguma forma de experiência ou vivência, ou têm a potencialidade para tal” (MOTA, 2010, p. 229).

No modo hegemônico capitalista macro, as relações com a velhice e a infância são caracterizadas por um abandono, sobretudo à velhice, já que os corpos não estariam mais aptos a produzir como na juventude.

Nos Círculos de Mulheres, o cultivo do cuidado entre gerações é base fundamental. As anciãs são respeitadas e cuidadas por terem construído uma trajetória de vida comunitária a mais tempo. O cuidado é uma ação que se estende em todas as dimensões da vida na comunidade em que acontece o Círculo, seja no cuidado ordinário com a cozinha, banheiro, limpeza dos espaços, seja no cuidado com a vida sagrada – no respeito aos outros seres da natureza visíveis e invisíveis. A performance do feminino nesse Círculo é elemento fundamental para o cuidado, a partir do despertar da energia feminina é possível ampliar os modos de cuidado com a vida. Mas a concepção de feminino se estende para todos os corpos, inclusive nos últimos cartazes que foram divulgados sobre os eventos dos Círculos, o convite se estende para mulheres trans. Assim, o feminino é performado e agenciado a partir de um cuidado com os corpos, com o espaço – a vida comunitária, bem como com o sagrado – a devoção à Deusa Mãe pela comunidade.

Portanto, nesse Círculo, as categorias “geracionais” e a categoria “feminino” são centrais para as relações de cuidado, sobretudo caracterizadas como um cuidado ancestral com as que vieram antes. No Círculo que houve com as anciãs da comunidade, as mais velhas compartilharam sua experiência com a menopausa e os cuidados com o corpo nessa etapa. Por compartilharem experiência de comunidade, elas compilaram conhecimentos empíricos para lidar com essa etapa da vida de forma positiva, diferente da narrativa hegemônica científica, em que esse momento da vida gera muito sofrimento, sobretudo pela forma que foi construído – como uma falha na reprodução (MARTIN, 2006). No “*Manual introductorio la ginecologia natural*”, San Martin (2011) traz o termo “plenopausa” para se referir sobre esse momento na vida das mulheres. Para San Martin (2011), bem como para as frequentadoras do Círculos, esse momento se relaciona com o arquétipo do feminino ancião, onde a mulher pode acessar mais sabedoria devido as experiências de vida que estão marcadas nos seus corpos.

Além disso, a ética do cuidado também perpassa a relação com as meninas que estão entrando na mocidade devido a menstruação. Na comunidade, realiza-se um Círculo com as meninas que estão passando por essa fase, com o intuito de ressignificar o lugar da menstruação na vida dessas mulheres, tendo em vista a visão deturpada da menstruação na socialização das mulheres de modo geral. Os agenciamentos do cuidado com o corpo passam pela performance do feminino associado ao arquétipo da donzela. O ciclo das mulheres é associado as fases da lua, sendo a menarca (como é chamada a primeira menstruação pelas interlocutoras) associada a fase da lua nova.

Na última vivência que participei na comunidade – residência experimental – eu tive a oportunidade de conhecer uma mulher trans que veio passar uns dias na comunidade e trouxe sua mãe. Ela me relatou um pouco da sua experiência como mulher trans em Círculos de Mulheres. Segundo a interlocutora, no processo de transição de identidade, que foi recente, os Círculos estão se configurando como espaços seguros para ela compartilhar os desafios desse momento de sua vida. A interlocutora relatou ainda que sua vinda para a comunidade também se relaciona por conta desse lugar ser reconhecido por acolher pessoas trans.

A partir das aproximações empíricas ao campo, compreendo e me inspiro no trabalho de Carol Gilligan como uma voz importante por relatar as experiências das mulheres, bem como na valorização do cuidado como uma prática que deve fazer parte das ações de todos, inclusive dos homens. Segundo Zoboli (2003), a palavra “cuidado” deriva do latim *cura*, já a palavra *cura*, no latim mais antigo, se escreve *coera*, utilizada nas relações de amor e amizade. Ainda segundo a autora, “estudos filológicos indicam outra origem para a palavra ‘cuidado’, derivando-a de *cogitarecogitatus*, que significa cogitar, pensar, colocar atenção, mostrar interesse, revelar uma atitude de desvelo e de preocupação” (p. 22). Nessa perspectiva, cuidado é um modo de viver colocado como princípio que estrutura a vida. “É um modo de ser no mundo que funda as relações que se estabelecem com as coisas e as pessoas” (ZOBOLI, 2003, p. 22).

Na comunidade, não se trata de naturalizar a qualidade do cuidado como inerentes as mulheres, mas ampliar essa qualidade em todas as direções. E nesse texto, o objetivo é bem similar com as proposições feitas por Gilligan (1982, p. 12), é contrastar “dois modos de pensar e focalizar um problema de interpretação mais do que representar uma generalização sobre ambos os sexos”, ou seja, incluir outras formas de viver em sociedade (pelo cuidado). É evidente que existem estruturas de poder que podem se apropriar desse discurso de modo equivocado para reforçar estereótipos de gênero, mas nas colocações

de Gilligan (1982), ela não nega a ideia da construção ou socialização dessas características, a questão central se refere a importância desse modo de viver.

As contribuições feministas sobre a ética do cuidado dessa filósofa americana colaboraram para fundar uma corrente intelectual feminista, denominada como Feminismo da Diferença. Antes deste, o Feminismo reivindicava o direito à igualdade em relação a um modo de viver construído pelos homens, a partir do Feminismo da Diferença a reivindicação muda, ao se perceber como problemático e destruidor para o planeta essa forma de viver. As mulheres perceberam que o modo de viver em que elas foram socializadas, a partir de relações de cuidado pode ser muito mais benéfico para a sociedade (GILLIGAN, 1982). Gilligan (1982) deixa evidente que seu livro não é caracterizado por gênero, mas por tema. Sendo assim, a associação das mulheres ao cuidado não é absoluta, já que existe uma pluralidade de descrições do que é “ser mulher”, só possíveis de definir em histórias localizadas.

No Círculo, que acompanho como participante e pesquisadora, cuidar das ancestrais, das gerações que vieram antes, também se relaciona com cuidar dos elementos da natureza que vieram antes dos humanos. O cuidado com a terra é compreendido como um cuidado geracional necessário para sobrevivência tanto dos seres que vieram antes – humanos e não-humanos – quanto dos que virão depois. A perspectiva da ética do cuidado possibilita o ser humano transcender a situação concreta do desejo orientado a si próprio para orientar a sua vida em benefício de todos os seres. No seu trabalho, Zoboli (2003) cita o filósofo norte americano Milton Mayeroff, em seu livro *On caring* de 1971, detalhando experiência de cuidar e ser cuidado de forma ampla, não importando a natureza do outro, seja uma pessoa, uma comunidade, a terra, uma ideia, etc.

Uma das práticas de cuidado frequente nos Círculos que acompanho é o partilhar em Círculo. Nesse espaço seguro entre as mulheres, elas compartilham o que estão sentindo, seus desejos, medos etc., enquanto as outras procuram escutar para compreender e cuidarem umas das outras. Para Gilligan (1982), os elementos chave para compreensão da ética do cuidado são: a conexão entre as pessoas, a responsabilidade, uns pelos outros; a comunicação como um modo de solucionar conflitos, dentre outras práticas não-violentas de solucionar conflitos. A noção de cuidado faz com que as pessoas se vejam numa rede interdependente de relacionamentos, em que todos que compõem são importantes para a manutenção da vida. Por mais que o cuidado se manifeste de forma natural, nem sempre ele vai brotar nas ações das pessoas. No entanto, em um ambiente em que existe um solo fértil para que essa qualidade possa ser cultivada, a prática vai

transformando os corpos, conseqüentemente o modo de agir das pessoas. Nesses Círculos, existem práticas comunitários que instigam a contemplação de toda interdependência da vida. Assim, a exigibilidade do cuidado passa a ser compreendida como uma ação de retorno ao sistema que, de alguma forma, cuidou para que todos possam estar vivos. Enfatizar o cuidado como princípio ativo que sustenta a vida, tira dessa ação uma relação de vulnerabilidade, o temor feminista de naturalização dessa prática associada as mulheres por conta de uma estrutura de poder, não cabe nessa leitura, uma vez que desmonta a própria relação de poder, pois o cuidado é agenciado por diversos elementos que constrói outras formas de se relacionar.

### **Considerações Finais**

As aproximações nos Círculos de Mulheres me permitiram a associação com as teorias feministas que trazem a ideia de “ser mulher” como um significante aberto, pois esse espaço de encontro que essas mulheres criaram para compartilhar experiências, constroem corpos semelhantes, compreendidos a partir de um conhecimento localizado. Esse conhecimento não vem de fora, mas é construído a partir da perspectiva das mulheres, que buscam novas relações de cuidado que incluam o corpo, a comunidade e os demais seres não-humanos. A concepção de cuidado a partir de performances do feminino permite enxergar as construções das práticas, bem como a possibilidade que essas práticas sejam incorporadas em todos os corpos. O feminino, não compreendido como uma naturalização do corpo biológico associado as mulheres, mas como um estilo de vida.

A ética do cuidado entre gerações nos Círculos de Mulheres atravessa corpos humanos e não-humanos, acentuando a compreensão de que a vida é cuidada por diversos agentes, sendo o cuidado uma prática fundante para sobreviver. O oposto de cuidado é negligência, por isso cuidado não é necessariamente sobre escolhas, mas sobre formas de organizar a vida. O interessante em estudar os agenciamentos do cuidado baseado em “ser mulher” entre gerações nesses Círculos, foi perceber as diferenças entre cuidado baseado numa relação de interdependência – em que se cuida, devido a uma contemplação das redes de cuidado que sustentaram os espaços – como forma de honrar, do cuidado baseado em relações de poder – o cuidado nas práticas hegemônicas de saúde, que tem como centralidade uma dimensão de hierarquia entre o(a) cuidador(a) e o(a) paciente –,

diferenciando-se também das práticas de cuidado no espaço privado, que demonstram hierarquia a partir das desigualdades de gênero.

Joan Tronto e Berenice Fisher (1990) definem “cuidado” como uma atividade dos humanos que inclui tudo o que podemos fazer para manter, continuar e reparar o mundo com o objetivo de viver da melhor maneira possível. Esse mundo é composto por nossos corpos e o meio externo, ou seja, tudo que se inter-relaciona de forma complexa, intervindo na teia da vida. Compreendendo que essa intervenção pode transgredir os condicionamentos sociais, mas que não implica escolhas infinitas do sujeito, aproximo-me da abordagem de Bonet e Tavares (2007), que propõe nas investigações sobre prática de cuidado, considerar todas as conexões, inclusive humanos e não humanos.

## **Referências**

ADELMAN, M. O reencantamento do político: interpretações da contracultura. **Rev. Sociol. Polít.**, Curitiba, 16, p. 143-147, jun. 2001.

ALVES, A. C. C. **Carnaval da alma: comunidade, essência e sincretismo na nova era.** Editora Vozes, 2000.

ASAD, T. A construção da religião como uma categoria antropológica. **Cadernos de Campo** (São Paulo 1991), p. 263-284, 2010.

BELLAH, R. A Nova Consciência Religiosa e a crise na Modernidade. **Religião e Sociedade**, n.13/2, p. 18-37, 1986.

BOLLEN, J. S. **O milionésimo círculo.** Como transformar a nós mesmas e ao mundo: um guia para círculos de mulheres. São Paulo: TRIOM, 2003.

BONET, O.; TAVARES, F. O cuidado como metáfora. *In*: PINHEIRO, R.; MATTOS, R. A. (org). **Razões públicas para a integralidade em saúde: o cuidado como valor.** 1º ed., CEPESC/IMS, UERJ – ABRASCO, Rio de Janeiro, 2007.

BUTLER, J. P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.** Trad. Renato Aguiar, 8ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CASTELLS, M. **La era de la información. Economía sociedad y cultura.** Vol. II. El poder de la identidad. México: Siglo XXI, 2001.

DELEUZE, G. **Diálogos.** Lisboa: Relógio d'Água, 2004.

FAUR, M. **Círculos Sagrados para Mulheres Contemporâneas.** Rio de Janeiro: Editora Pensamento, 2011.

GILLIGAN, C. **Uma voz diferente: psicologia da diferença entre homens e mulheres da infância à idade adulta.** Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1982.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica Cartografias do Desejo**. Petrópolis: Vozes, 1996.

HIRATA, H. Division sexuelle du travail: état des connaissances. *In*: SOARES, A. (Org.). **Stratégies de résistance et travail des femmes**. 1ed. Montreal e Paris: L'Harmattan, 1997. p. 25-47.

HIRATA, H. **Nova divisão sexual do trabalho?** Um olhar voltado para a empresa e a sociedade. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2002.

HIRATA, H.; KERGOAT, D. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cad. Pesqui.**, São Paulo, v. 37, n. 132, p. 595-609, 2007.

INGOLD, T. **Estar vivo**: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Petrópolis, Editora Vozes, 2015.

\_\_\_\_\_. **Making**: Anthropology, archaeology, art and, architecture. Abingdon: Routledge, 2013

KERGOAT, D. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. *In*: HIRATA, H.; LABORIE, F.; LE DOARÉ, H.; SENOTIER, D. (Orgs.). **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 2009. p. 67-75.

KOHLBERG, L. **The development of modes of moral thinking and choice in the years 10 to 16**. Tese de doutorado não-publicada, Universidade de Chicago, Chicago, 1958.

LATOURETTE, B. Como falar do corpo? A dimensão normativa dos estudos sobre a ciência. *In*: NUNES, J. A.; ROQUE, R. (org.). **Objectos impuros**: experiências em estudos sociais da ciência. Porto, Portugal: Afrontamento, p. 40-61. 2008.

MACHADO, P. S. Processos Comunicacionais nos Círculos de Mulheres e suas relações com a Teologia Ecofeminista. **Mandrágora**, v.23. n. 1, p. 33-48, 2017.

MARIA, A. A voz dos quatro elementos: história de uma xamã e outros escritos xamânicos. 4 ed. **Revista e ampliada**. Salvador: Kalango, 2006.

MARTIN, E. **A mulher no corpo**: uma análise cultural da reprodução. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

MOL, A. Ontological Politics: a word and some questions. *In*: LAW, J.; HASSARD, J. (Orgs.). **Actor Network Theory and after**. Oxford: Blackwell Publishing, 1999.

MORALES, M. del R. R. Espiritualidades Femeninas: el caso de los Círculos de Mujeres. **Encartes**, v. 3, n. 1. p. 144-162, 2018.

MOTTA, A. B. da M. A atualidade do conceito de gerações na pesquisa sobre o envelhecimento. **Revista Sociedade e Estado**, v. 25, n. 2, 2010.

PADILLA, G. V. **Mujeres em círculos ecofeministas em Guadalajara: cuerpo, experiencia y sanación.** 2017. Tese de Doutorado. Colegio de San Luis. COLSAN. 2017.

RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder.** São Paulo: Ática, 1993.

RIBEIRO, T. S. A cura do feminino: Autognose do corpo da mulher como campo de experiências para processos terapêuticos. *In:* BOLLETTIN, P; EL-HANI, C. N. (Org.). **Teorias da Natureza: Etnografias da Bahia.** 1 ed., 2020.

SAN MARTIN, P. P. **Manual introductorio la ginecologia natural.** 2 ed. Chile: La Picadora de Papel, 2011.

SAQUET, M. A. Proposições para estudos territoriais. **GEOgrajia**, Ano 8, n. 15, 2006.

SOUZA, L.; ALMEIDA, J. de; FLÔRES, L.; COELHO, M. **Manual de ginecologia natural e autônoma.** Salvador, BA, 2018.

SPOSITO, M. E. B. Introdução. *In:* SAQUET, M. A.; SPOSITO, E. S. (Org.). **Território e territorialidades: teorias, processos e conflitos.** 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

STEPHENS, J. **Anti-Disciplinary Protest: Sixties Radicalism and Postmodernism.** Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

TAVARES, F. Rediscutindo conceitos na antropologia da saúde: notas sobre os agenciamentos terapêuticos. **Mana**, v. 23, n. 1, p. 201-228, 2017.

TAVARES, F.; DUARTE, J.; COGNALATO, R. Movimento nova era e a reconfiguração do social (da contracultura à heterodoxia terapêutica). **Antropolítica**, n. 28, p. 177-196, 1 sem., 2010.

TONIOL, R. Cortina de fumaça: terapias alternativas/ complementares além da Nova Era. **REVER**, ano 16, n. 2, Mai/Ago, 2016.

TRONTO, J.; FISHER, B. Para uma teoria feminista de cuidar. *In:* ABEL, E. K.; NELSON, M. K. (eds.). **Circles of care: work and identity in women's lives.** 1990.

ZOBOLI, E. L. C. P. A redescoberta da ética do cuidado: o foco e a ênfase nas relações. **Rev Esc Enferm USP**, v. 38, n. 1, p 21-7, 2003.